

FRANCISCO PERFEITO DE MAGALHÃES E MENZES

AS DUAS PEROLAS

Comedia em um acto, em verso

Março de 1915

Lugo — Hespanha



LISBOA

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24

1915



3)
21.134.3-2VilasBo:
L



*Do meu caro Pedro, com
muita amizade
Francisco Perfeito de Magalhães*

FRANCISCO PERFEITO DE MAGALHÃES E MENEZES

*Com de Coue
dona, Dama
e os filhos
1915.*

AS DUAS PEROLAS

Comedia em um acto, em verso

Março de 1915

Lugo — Hespanha



*Barcelona
Peru*

LISBOA

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24

1915

Reservados os direitos da propriedade litteraria

*Perolas que produz, saudoso o ostracismo,
Lagrimas condensadas n'este meu exilio,
Serão para ti só, se lh'encontrares lyrismo,
P'ra ti, minha mulher, que foste o meu auxilio!*

*Não dá outras o mar, revoltado em temporaes,
Em que essa Patria vae, perdida, em confusão...
Mas creio que p'ra ti, por certo valem mais,
Que as perolas do mar, d'Ophir e de Ceylão!*

O AUCTOR.

As duas perolas

Comedia em um acto, em verso

PERSONAGENS :

- D. Pedro Villa Chan..** rapaz dos seus trinta annos, distincto no moral e no physico. Formado em medicina por Coimbra.
- José Travança** seu amigo intimo e companheiro da Universidade. A mesma idade. Grande alma, poeta e bohemio.
- Luiz.....** tambem amigo e companheiro de D. Pedro e de José. Engenheiro. Ar affectado e parisiense.
- Alecrim** velho criado de D. Pedro. Dedicado e rabugento. Frascario impenitente. Pelos sessenta annos. Grandes suissas brancas.
- D. Maria** mulher de Luiz. Vinte e cinco annos. Bonita, distincta, natureza de sacrificio.

A acção passa se na actualidade, n'um salão da velha casa dos Villa Chan em Lisboa. Ao fundo, por ampla porta vê-se a casa de jantar, á portugueza, com suas pratas e mesa posta para tres convivas. Á direita, sahida para a escada e rua; á esquerda, accesso para o interior. Começo da noite, luzes acesas.

SCENA 1

LUIZ

(Entrando de casaca e flôr na botocira, para Alecrim, que lhe pendura o chapéu e o sobretudo no bengaleiro da entrada)

Mas vejo te mais moço! Baixaste na idade!...
Quantos annos passaram?! — Uma eternidade!
Nas suissas apenas, algo assim se nota,
Que o corvo que adejava... vôa de gaivota!
Eil-as brancas de neve...

ALECRIM

E eram dois tições!

LUIZ

E sempre para nós, pretextos de questões,
Origens de batalhas e luctar sem fim...
Oh tempos de Coimbra!... Lembras te Alecrim?!
— Quando á meza o José, te disse sobranceiro:
— Coragem, meu amigo! Tens que ir ao barbeiro!...
As coegas que fáz, nos craneos, ao passar,
Essa suissa hostil, a servires o jantar,
O dilemma fatal impoem que é tão cru,
— Da cabeça eu cortar... Só salvo então se tu
Consentires, oh sublime! em ir sacrificar
As suissas em fim, p'ra não m'incommodar...

ALECRIM

Ao que lhe respondi, com este meu conceito:
A cabeça é bem sua!... — Eis o seu direito!
Pouco tenho com isso... e sabha! Não m'importo!
... As suissas que vê, a essas eu não corto!
E eil-as! Não cortei! Maiores 'stão por signal...
— Com cabeça ou sem ella... tudo era egual!

LUIZ

Sim, o José!... Que faz?

ALECRIM

Só versos e cantigas
E no resto do tempo... atrás das raparigas!

LUIZ

O mesmo de Coimbra? O mesmo sempre então?!
— Uma cabeça fraca, — um forte coração! —

ALECRIM

Lá isso é bem verdade! Tem uma alma d'oiro...
... Um pinheiro n'altura!... E força como um toiro!

LUIZ

Do Pedro, teu senhor, que contas Alecrim?

ALECRIM

Assentou!... Vae casar...

LUIZ

Disse-me que era assim,
Quando eu hontem, feliz, de tarde o encontrei,
Depois de tanto tempo...

ALECRIM

Elle anda como um rei...
Um rei conquistador!... Nao qu'ella vale a pena!
Linda como uma flôr, mimosa d'açucena,
E doce como mostra o nome de Maria!
Contos de reis no dote!... E toda fidalguia!...
E elle... derretido... como um rebuçado!

LUIZ

E como elle, tu... tambem enamorado!

ALECRIM

Eu quero-lhe, porqu'ella quer, ao meu senhor,
E minha amiga é!... Ao levar-lhe uma flôr,
Já me disse a sorrir, — quem se tôr, sem colher
Esta rosa, de ti, é que quer, esquecer!...
Quando os dois se casarem, iremos passar,
Contra elle, ambos nós, o tempo a rabujar...

LUIZ

Tu quanto mais rabujas, mais serás amigo!
Pobres Pedro e José! Só bom, eras comigo...

ALECRIM

Sempre ao senhor doutor, o vi bem comportado!
Elles é que por lá, andavam no mau fado...
Na queda que fui dar, ficando contrafeito,
Foram-me pôr, recorda?... — Uma medalha ao peito,
Dourada a rebrilhar, em forma de garrafa...
A levantarem vivas! .. Qu'inferneira!... Safa!
Eram os dois! Atraz... aquella estudantagem,
N'uma tal procissão, — n'um preito d'homenagem,—
Com coroas de papel, com rosas e com palmas...
Devia fazer dó! Mas dó... áquellas almas?!
... A forçarem o quarto, d'um doente e fraco,
Gritando qu'era alli o templo do deus Baccho!...
— Mentira!... Ia jurar! — Não era peccador!...

LUIZ

(Com indulgencia)

Peccado não será!?... Se é sangue do Senhor!

ALECRIM

Lá tudo lhes servia, p'ra arranjar funcções...
As raposas até, e as suas distincções!
... A mim, uma homenagem... a gemer com dores!

LUIZ

Não quiz o demo já, negocios com doutores!

ALECRIM

Elles sim, como o demo!... E o senhor, — um santo!

LUIZ

Não sei meu Alecrim, se agora o serei tanto!
Uma fama me dás de santo milagreiro...
Mas olha qu'era assim, só por não ter dinheiro!

ALECRIM

Um *urso* sempre foi!... Por lá, era notorio!

LUIZ

Mas esse Pedro, diz! Terá um consultorio!
Clinica e operações, doentes e hospital?
Trabalha e estuda emfim ..

ALECRIM

Não acredite em tal!
Abrio o consultorio, ahi, um bello dia...

LUIZ

Não iam os doentes?...

ALECRIM

Elle é que não ia!
Mas vou-me eu á cosinha, em fim, fiscalisar...
... O Zézinho virá, também p'ra cá jantar.
E' segredo! Terão... E guarde isto comsigo...
— P'ros tres amigos velhos, um vinhinho antigo!
Doces p'ra elle só, pois é como as creanças!...
P'ra si, senhor Luiz, piteus lá d'essas Françaç...
Hoje, por excepção, pois sabe? A nossa mesa,
E' tudo quanto ha de mais á portugueza!

LUIZ

O Pedro é patriota! — Olha! E' boa asneira!
Que desculpa tem só, n'antiga garrafeira!
No Porto centenario, pinga conhecida...
O philtro que conserva a tua longa vida!

ALECRIM

Já cá tardava a graça!... Deixa-me ir, senão!

PEDRO

(Chamando de dentro, alto e alegremente)

Mangerona?... Alfazema?... Olé, Mangericão!

ALECRIM

(Referindo-se a Pedro, para Luiz que ri)

Cem annos qu'elle viva, esse demonio ruim,
O mesmo elle será...

(Para dentro, sahindo)

Lá vae o Alecrim!

LUIZ

(Tristemente)

Simples e boas almas, lindas flôres do ceu,
Sem culpa e sem remorso... sim! Enquanto qu'eu...
Que contraste entre a luz, que vejo sem defeito
É o negrume que aqui, eu tenho no meu peito...
Como é bom ser assim, sorrir ao derredor,
Em vêz, como eu de dár, só lagrimas e dôr!

(Tira do bolso um pequeno estojo que abre)

As perolas são prantos... lagrimas que choro,
Por essa a quem odeio e por egual adoro...
Por essa aberração... Engano do sentido!

SCENA II

PEDRO

(Em mangas de camisa, vindo de dentro com Alecrim)

Mas onde estarás tu?... P'ra ahi tão escondido!

(Correndo a Luiz e arrebatando-lhe o estojo alegremente)

... Em flagrante delicto e crime de paixão!
São brincos de mulher! Que lindos qu'elles são!
— Uma perola branca e outra de azeviche!...
E tu sósinho aqui, a improvisar o espiche...
Parabens, D. João! Mas creio teres escripto
Que ha annos casáras... E' muito esquisito!
— Se é p'ra esposa emfim, não metto ahi colher...
... A moda já não é, gostar-se da mulher!

LUIZ

Eu te conto, meu Pedro!... Um louco desvario!...

PEDRO

Vejamos a ballada! — Noivo! — Eu já não rio!
Um charuto? Sentar! Começa o namorado...
... Não prometto no fim, estar muito acordado!

LUIZ

Romance triste é, um drama e não comedia!

PEDRO

(Sentando-se e fazendo sentar a Luiz)

Um lenço, oh Alecrim! Ha prantos! — E' tragedia!

LUIZ

Não brinques, se soubesses...

PEDRO

Vou já soluçar!

ALECRIM

(Trazendo charutos e vinho do Porto de que serve dois calices)

O vinho tem virtude! E' bom para enxugar!

PEDRO

(Acendendo o churuto a Luiz e o seu)

O charuto, Luiz, convida ao devaneio,
Eis quem é todo ouvidos... abre-me o teu seio!

(Com fingido desanimo)

E eu a procurar saber a opinião,
Do sensato Luiz, do austero varão,
Da virtude fiel, do bom homem casado,
Sobre essa prenda a dar, no dia do noivado,
A quem não me aborrece e sabe que m'encanta!

ALECRIM

... E vae elle afinal, é dos que pinta a manta!

PEDRO

Eu queria que podesses, sim, aconselhar,
Uma coisa mimosa e nova e singular...
No tamanho, subtil, na significação,
Como o amor enorme d'este coração!
O nosso Zé Travanca havia-me indicado
Um cavallo d'Alter, ás upas, enfeitado...
Mas um cavallo assim, não cabe n'algibeira,
E p'ra entregar na sala, eu não lhe vi maneira...

ALECRIM

(Com ar protector)

Mas o senhor já tinha, aqui, melhor conselho!

PEDRO

Dizia o Alecrim, — um bom relógio velho!
D'uns de parede, assim, solemnes e profundos,
Que fazem meditar na formação dos mundos,
Sisudos, conselheiros, tão protocollares,
Que n'elles, os instantes sôam seculares...

ALECRIM

As horas das comidas, marca quem é nobre!...

PEDRO

Mas é, na inspiração, amigo!... Muito pobre!

LUIZ

Lembrança muito util p'ra mulher d'idade...
Atrasa as primaveras...

ALECRIM

Dá austeridade!

PEDRO

Austeridade e tédio! E' presente mono
Ao amor não convida...

ALECRIM

Porque chama ao somno!

LUIZ

Ao menos no cavallo, o Pedro ia montado!...

PEDRO

Mas um relógio a andar... está sempre parado!
Então... Mas conta lá... Sempre casaste, é certo?

LUIZ

Casei, sim, é verdade e era um ceu aberto...
 E com, — eu escrevi-te, — a filha do meu socio,
 Elle por certo não, mas eu, fiz bom negocio!
 Bonita e boa ella! Fui feliz... depois,
 Veio-nos mais um filho completar aos dois,
 Mas d'um alento tal, de debil e precario
 Que fez da nossa vida, um lugubre fadario!
 Para ser mãe, então, deixou de ser mulher...
 Depois... o que acontece sempre que Deus quer...
 Enfeitiçou-me, sim, a vida, uma serpente,
 Ou sereia talvez... e tão completamente,
 Que eis-me fascinado e fóra do meu ser!

ALECRIM

Menino de virtude!... Deixa-me benzer!

PEDRO

O filho e a mulher?! Tu tens que terminar!
 Melhorou o rapaz?

LUIZ

Não sei, fugi do lar!...

ALECRIM

(Bebendo o copo de Pedro)

Valha-me na afflicção a Senhora d'Agrella!

PEDRO

(Levantando-se indignado)

Tu deixaste a creança... abandonaste a a ella?!...
 A quem tinhas jurado a tua fé leal...
 Luiz! Escuta lá... Tu fazes muito mal!

LUIZ

Desejo ser o mesmo e não consigo sel-o...
 Lá em Coimbra era, sabes, um modelo,
 O meu quarto uma cella; eu lá dentro, um frade...
 Sim, tambem fui rapaz, rapaz sem mocidade!
 Se cortares a um tronco a rama verdejante,
 O viço reflorece, a seiva triumphante,
 Irá a borbulhar, sahir, por toda a parte,
 Até que d'ar e luz, o tronco emfim se farte!
 ... As verduras cortei, á idade dos rosaes,
 Estou pagando agora...

ALECRIM

E faz pagar os mais!

LUIZ

Eu nem sei, oh meu Pedro, bem o que já sou!
Para haver essas perolas, qu'ella cubiçou,
Tive hontem de vender, pedir e d'empenhar...
— Eu era até capaz, p'ra ella, d'ir roubar!

ALECRIM

(Bebendo o copo de Luiz)

Senhor doutor Luiz!... Mais tento ao que dizeis!

LUIZ

(Continuando, tristemente)

Conseguias agora: — quinhentos mil réis!

PEDRO

(Com violencia)

Faltará n'outra parte o dinheiro e carinho!

ALECRIM

(Alegremente)

Ora até qu'afinal! Chega o senhor Zézinho!

SCENA III

JOSÉ

(Entrando, para Alecrim, a quem cobre com o seu chapéu alto e dá o sobretudo)

Viva a mimosa flôr! Não desfazendo, é certo,
No grande industrial e engenheiro esperto,
E no senhor D. Pedro, o nobre amphitrião...

(Para Luiz, abraçando-o)

Luiz! Venha d'ahi, um bom chi-coração...

LUIZ

Que alegria José! Tu sempre, um trovador!

PEDRO

A' mesa sempre heroico, assim tambem no amor!

ALECRIM

(Batendo as palmas d'alegria)

Eil-os mais uma vez, como em Coimbra juntos!

PEDRO

(Estranhado para José)

Em que vens a pensar? Que tetricos assumptos?...

ALECRIM

(Desconfiado)

Alguma succedeu!...

LUIZ

Estás assim absorto...

PEDRO

Poeta, desembucha...

ALECRIM

(Do fundo offerecendo, amigavelmente)

Um calice de Porto?!

JOSÉ

Amigo, *muchas gracias!* Logo, por favor...

ALECRIM

Então o caso é grave!... Estranho o meu doutor!

JOSÉ

Se eu contar o que foi, vocês nem hão de crer!

PEDRO
E' caçada?

LUIZ
E' conquista?

JOSÉ
Prompto,irão saber...
Sahia de jogar... Do Gremio!— Um bom canudo!
A dama não sahira!... Emfim, perdera tudo!
... Uma mulher, na rua... Esbelta, tão distincta...

PEDRO
Pede-se ao orador, que, se poder, não minta!...

LUIZ
E a dizeres 'inda tu, que a dama se negára...

JOSÉ
... Tão fina no seu ar! Tão linda aquella cara!...

PEDRO
Uma a negar, José! E quantas logo, topas?!

JOSÉ
Não era a d'oiros esta...

ALBECRIM
A dama era de... copas!

JOSÉ
Mas deixem continuar!... Impunha-se á gente!
Accusavam os olhos, a razão ausente...
Detem-me p'ra ouvir e conta a soluçar,
A sua historia triste, — o seu deserto lar...
Onde agonisa o filho, morto de miseria...

LUIZ
A já sabida historia, a conhecida leria...

JOSÉ

Os loucos são sinceros. Ella não mentia!...
Depois continuou, pois nos meus olhos via,
Uma grande piedade e fundo sentimento;
Fazia frio n'alma o seu cruel lamento...
O medico dissera: — só no campo, ao ar,
O seu filho, que morre, se poderá salvar!
Fugira-lhe o marido com uma aventureira...
Então, ella pedia, assim, d'essa maneira,
Privada de razão, a pobre, meia nua,
A ver se lhe valia, esmola pela rua...

ALECRIM

... E a bolsa deixou ir, então pelo que vi!

JOSÉ

Eu não deixei ir nada! A ella... trouxe-a aqui...

LUIZ

(Muito impressionado)

Mas diz-me cá José! E' loira, é alta, é bella?

JOSÉ

(Muito admirado)

Exactamente assim... Conheces?

LUIZ

(Com terror)

Será ella?

JOSÉ

Agora é um farrapo! Lindo... de brocado!
Que lhe podia eu dar, se ia depennado?!
Assim, trouxe-a comigo, pois o Pedro é rico,

(Ironicamente para Alecrim)

E tem bom pé de meia, o nosso Mangerico!

ALECRIM

Não é p'ra essa arraia, aquillo qu'elle tem!..
Do seu, cada um dá...

PEDRO

José! Fizeste bem!
Iremos estudar uma alma que é assim,
Do homem libertada, da tutela ruim,

(Com intenção para Luiz)

Se o deixa, ella a subir, no fundo da baixeza...
Essa senhora? Oh Zé, tu fazes a fineza?!

(Reparando que está em mangas de camisa)

Mas depressa Alecrim, aqui já um casaco!

ALECRIM

*(Em quanto José sahe, Alecrim vestindo, confundido,
o casaco—abrigo de José, a Pedro, tendo ainda o chapéu na cabeça)*

Mas isto é p'ra fazer virar á gente o caco!

LUIZ

(Refugiando-se com as mãos na cabeça, no fundo da scena)

Castigo, oh Deus será!... ou pesadelo então?!

JOSÉ

*(Entrando, para Maria que o segue
com passos e olhos de doída)*

Minha senhora, em mim, terá um seu irmão!

(Apresentando)

E' este, em quem fallei: — D. Pedro Villa Chan,
P'ra elle, pois será, tambem a sua irmã...

PEDRO

(Atrapalhadamente)

Não quererá sentar-se? Deve estar cansada!
... E' muito alta e rude a nossa velha escada...
Por este meu amigo, já em confidencia,
Havia pois sabido, que Vossa Excellencia,
Teria, p'ra tratar, d'um filho doentinho...

ALECRIM

(Aconselhando)

... Não ha nada melhor, que uma pinga de vinho!

PEDRO

(Continuando)

... Precisão natural, em caso tão urgente,
De dinheiro... talvez?... E' como toda a gente!
... Uns fundos tem aqui, guardados seu marido...
E' d'elles que darei, conforme ao seu pedido!...

JOSÉ

(Para Alecrim)

O pobre Pedro está, passando uns maus bocados!...

ALECRIM

Mas o senhor tambem, só traz d'estes achados!

MARIA

(Fallando muito espaçadamente)

Se meu marido sabe que tem aqui déz réis,
A' outra os irá dar, p'ra joias e p'ra anneis...
E' muito o qu'elle tem? E' coisa assim que valha?
... Bem mais precisa o filho, para uma mortalha,
P'ra não ir enterrar, como se fosse um cão...

JOSÉ

(Arrebatadamente)

Se sei quem é, um dia... eu lh'o direi...

LUIZ

(Avançando lento do fundo, para Maria)

Perdão!

PEDRO

(Commentando a scena, como medico)

Agora vão lutar: — amor e a loucura...
Se o conhece e chora... ella 'inda tem cura!

JOSÉ

(Muito admirado)

Mas era elle então ?!

PEDRO

Tu vês ! Quem tal diria ?

ALECRIM

De carunchoso pau !...

LUIZ

(Avançando mais)

Perdão, minha Maria !

PEDRO

(Com marcado receio)

O cerebro já tarda, em despertar do somno !

MARIA

(Continuando a sua idea interrompida)

... Filho d'uma cadella que perdesse o dono...

JOSÉ

(Avançando para Luiz, ameaçadar)

Oh Pedro ! Isto encaras, tu, como doutor,
Mas eu, não é assim, é como julgador...
Que remedeia o mal e castiga o malvado !

PEDRO

(Detendo-o)

O remorso o fará, já muito desgraçado !

JOSÉ

(Desanimado)

A crise não se dá...

ALECRIM

Foi Deus qu'assim o quiz!

PEDRO

(Com desalento)

Falhou-me a reacção...

JOSÉ

(Fôra de si, gritando muito alto)

... De joelhos! Luiz!

MARIA

(Recordando-se vagamente)

O nome de seu pae, tomar o filho deve...
... Já tive dois!... Luiz!... Nenhum terei em breve!
O filho irá p'ro ceu! O pae... não tenho esperança!

LUIZ

(Ajoelhado)

Maria! O teu perdão, em nome da creança?!

MARIA

*(Reconhecendo lentamente o marido e cahindo-lhe nos braços,
ella sentada de golpe e elle a seus pés)*

Sonho?! Visão?! Que és?! Quero sonhar... Luiz?!

PEDRO

(N'um grande alivio)

A dois já Deus salvou... veremos se o petiz...
... Vae depressa Alecrim... um carro bem fechado!

ALECRIM

(Sahindo a correr, tropegamente)

Oh reumatismo atroz!...

PEDRO

(Explicando a José a intenção do carro fechado)... *Reprise* de noivado!*(Para José ainda, doutoralmente)*

A cabeça que vive só do sentimento,
Defende-se melhor, com o proprio soffrimento,
— Escuda-se na dôr!... — Um cerebro razão,
Teria naufragado!

JOSÉ

... o d'ella é coração!

(Mostrando o grupo a Pedro)

Repara como a pobre tanto 'inda lhe quer!

PEDRO

Perdoa como mãe...

JOSÉ

Mas mais, como mulher!

PEDRO

Devia ter soffrido muito e muito fundo!

JOSÉ

O qu'ella fez agora, é cá por este mundo,
O que mais alto ergue!... E' santo quem perdoa!

PEDRO

Só sabe perdoar um'alma muito boa!

JOSÉ

Dissolve o castigar, a culpa, na agonia...
E' morrer e matar! O perdão, gera e cria!
E' semente na terra; é trigo que produz,
No campo do Senhor, lavrado por Jesus...
E' Bem p'ra esbanjar, de todos ao contento,
Ficando-se por fim, mais rico e opulento...
Dos outros e de si, consegue ser bemquisto,
Quem perdoa... e subir, tão alto, aos pés de Christo!

E' de sombra o castigo feito e noite fria,
 Mas o perdão, do sol, calor e luz do dia...
 Castiga-se calado, o odio a concentrar...
 Perdoa-se a sorrir, perdoa-se a cantar!
 ... Se liga bem e rima sim, por algo é,
 Isso que é Caridade, Esperança e é a Fé,
 Com o forte pensar sereno, que é — Razão.
 E com aquillo que é sentir — o Coração,
 E' qu'isto quer provar, à luz da evidencia,
 Que Deus das tres essencias, fez a sua essencia!...
 Da idea — a Razão! Do sentir — o Sorriso!
 Das lagrimas — Perdão!... Eis todo o Paraizo!

PEDRO

... Isto mesmo pensava, sim... ia jurar!
 Mas os poetas só, o sabem bem contar...
 Tu pensas a fallar e fallas muito bem!

MARIA

(Que tem escutado a José)

Que bem que faz ouvir a alma qu'isso tem!

JOSÉ

(Continuando)

... Um pobre a perdoar, já dá muita riqueza!...

ALECRIM

*(Entrando esbaforido, serve-se no meio do contentamento geral
 um copo e bebe)*

E cahem-me estas coisas sempre na fraqueza!
 Se não levo a cabeça mettida no chapéu,
 Voado já teria, em cacos, para o ceu!...
 Mas isto fortalece!... O carro está lá fóra...

*(Tira finalmente o chapéu alto
 que tem conservado desde o começo da scena III)*

PEDRO

A' mulher do Luiz, José! Tu vaes agora
 Acompanhal'a, sim? Até á carruagem...
 Incute lhe a tua fé, empresta-lhe coragem,
 E mil perdões, ouviste? pedirás por mim...

(Para Alecrim)

Irás com elles, tu...

ALECRIM

(Com desconfiança)

Eu?!

PEDRO

Tu, senhor Jasmim!

JOSÉ

(Para Maria, a quem offerece conduzir)

Senhora?! Este meu braço, é seu, se accetar!...

MARIA

(Levantando-se)

Pois não!...

(Para Pedro)

Agora sei, que breve, vae casar...
Que seja tão feliz, como merece sel-o!
Com ella... muito amigos! Eis o meu anheló!
Se sempre se lembrar do nosso triste exemplo,
Ha de ser o seu lar, tão puro como um templo!
Eu resarei por si!... Assim, pedindo ao ceu,
Eis o que dou, em troca, do que já me deu...
Foi tanto! Tudo!... A' mulher, o seu marido,
E se o bom Deus quizer... aos paes o filho querido!
D. Pedro! meu senhor!...

PEDRO

(Para Luiz, que se dispõe a sair com Maria e José)

Luiz! Vamos fallar!
E' um momento só, enquanto vão baixar.

(Para Maria)

Tambem eu agradeço a esmola do perdão!
O nosso sexo forte... pede protecção!
...Minha Senhora a si, o preito meu sincero!...

(Sahem Maria, José e Alecrim)

SCENA IV

PEDRO

(Violentemente para Luiz)

O senhor!

(Abaixando a voz)

Tu!

(Mais docemente)

Sim, tu! Não quererás, espero?!
As perolas! Eu compro... em tudo... concordava!

LUIZ

As perolas! Ah sim, eu já nem me lembrava!

PEDRO

(Abrindo um pequeno cofre, e tirando um massô de notas)

Saneia a alma tua! O corpo ao teu filhinho,
E a ella a razão, à força de carinho!
Tu sabes? E' sublime!... Ella. soffre e cala,
E perdoa, mas olha! — O medico é que falla:
— Para a creança — o ar, o campo, a luz, calor!...
Para a mulher um só remedio — o teu amor!...
Regimen para ti e esse, é — o teu dever!...
Adeus, agora até, bem quando, possa ser...
E vae pedindo ao ceu, que te não faça tonto...
Eis o dinheiro aqui, em notas, é um conto.

LUIZ

(Querendo entregar metade do massô de notas)

Mas custaram metade! Oh Pedro! Por quem sois!...

PEDRO

(Recusando)

Quando voltares...

LUIZ

(Agradececidamente, estendendo a mão)

A mão?!

PEDRO

(Recusando a mão)

A mão... também depois!...

(Luiz retira apressadamente. Pausa)

... Este homem que tinha tudo a seu contento,
Colhe a felicidade... p'ra atirar ao vento!...
A trindade no amor!... A summa perfeição!...
Mas eu fui muito rude, em lhe negar a mão!...

JOSÉ

(Que entra a discutir com Alecrim e ouve o verso final)

Fizeste, oh Pedro! bem... Pois o que arde, cura...
Vae-se emendar, verás... Esta lição foi dura!

ALECRIM

O Luizinho agora... a dar-lhe p'ra frescata!

JOSÉ

Oh Pedro! Que mulher!

PEDRO

Que mãe!

ALECRIM

Que patarata!

JOSÉ

Contente ella já ia...

PEDRO

E elle agora soffre!

ALECRIM

(Que desconfiado tem tudo analysado e visto o cofre aberto)

...Pois antes desse a mão e recusasse o cofre!...

PEDRO

(Mostrando as perolas a José)

As perolas comprei! Poeta! Vê que tal?...

JOSÉ

Que coisa tão bonita e muito original...
Uma — bola de neve, — a outra — de carvão!
Amigo! Quanto foi? Não é indiscrição?...
Seriam do Luiz? Aposto! — Que farçante!

ALECRIM

Tirava-o á mulher, pr'ó dar á tal amante!

PEDRO

Exacto!... Um conto foi...

ALECRIM

(Muito indignado, olhando a Pedro, nos olhos)

Oh não acrediteis!
...E foi-lhe um conto dar... por quinhentos mil reis!...
P'ra isto, ficou só... aqui, n'este salão!...

JOSÉ

...Mas sempre os criminosos, buscam solidão!...

PEDRO

Bem lindas, na verdade! A' minha noiva querida,
Ao dar-lh'as eu direi: — As affeições da vida,
O homem no altar, immola-as á mulher...
Dois symbolos esses são, que venho a offerecer:
— Uma perola negra e essa toda branca...
A negra é o Luiz! A outra o Zé Travanca!

ALECRIM

(Ironicamente, tomando as perolas)

Escolho p'ro jantar, a branca... a de Nizan!

JOSÉ

E sem ideia tu, ainda esta manhan...
Foi Deus que trouxe aqui, a prenda do noivado!

(Para Alecrim, arreliativo)

Esse relógio tal, parece... anda atrasado!...

ALECRIM

(No mesmo tom)

O cavallo d'Alter, galopa... às arreguas!...

(Dando as perolas a Pedro)

Já pagas duas vezes, ellas são bem suas...
Mas deixe que lhe diga: — é para ponderar,
Ir se tomar estado, andando a esbanjar...
Além de tudo isso, aqui ainda é gente,
Um rabugento velho, pobre, mas que sente,
Fechar o pé de meia e nunca o ter d'abrir...

JOSÉ

(Fingindo procurar alguém pelo salão)

Por onde é qu'andar, a quem ouvi grunhir:

(Imitando a voz de Alecrim)

— Não é p'ra essa arraia, aquillo que elle tem... —
Tu dizes isto assim... depois queres fazer bem!

ALECRIM

A bocca nunca está, conforme ao coração!

PEDRO

Não ralhes hoje mais, feroz rabugentão!
Do meu saber infuso, ha provas concludentes...
— Quando me viste tu, curar a tres doentes?!

ALECRIM

Ficaram-lhe bem caros... Valha-me Sant'Anna!

JOSÉ

A gloria eil-a a chegar...

ALECRIM

A gloria e... o pantana!

(Alecrim retira)

SCENA V

PEDRO

Caturra e muito velho, está este Alecrim!
Segundo elle, eu fiz, um acto bem ruim...

JOSÉ

Já muda, se descer á garrafeira... ao Porto!

PEDRO

...Mas s'eu lhe tiro a chave, o pobre cahe-me morto!

JOSÉ

Se lh'a não tiras, sim, será d'egual maneira,
Que os pezames darei, á tua garrafeira!...

PEDRO

Viveram sempre ao par... a chave não lh'a tiro...
— P'ra ultima garrafa, — o ultimo suspiro!

JOSÉ

E hoje? qu'aventura!...

(Reparando no casaco de Pedro)

...Tu estás n'um sacco!...

(Rindo muito)

Recebeste uma bella... com o meu casaco!

PEDRO

(Vezado)

Ridiculo! Grotesco!... Foi quando ella entrou,
Vestio me o Alecrim, o primeiro qu'encontrou!

JOSÉ

(Continuando a rir)

Tu 'stás um salpicão... mettido n'um canudo!

PEDRO

(Tristemente)

E ella vio em mim, um dominó d'entrudo!

JOSÉ

(Arrelativo)

Eu tanto não direi... mas... bispo!... Um cardeal!...

PEDRO

(Muito vexado)

Um bispo, oh não, José!... Tu crês que pensou tal?!

JOSÉ

Faltou só o anel, á tua dignidade!...
Que querias que pensasse d'essa caridade?!

PEDRO

Sabia-me a casar... Não creio que assim seja!

JOSÉ

...E' noivo o cardeal. . da Santa Madre Igreja!

PEDRO

(Passeando a rever-se no largo casaco)

Que figura qu'eu fiz!...

JOSÉ

Que gesto tão sublime!

PEDRO

Ao esboçar o gesto, olhei p'ra mim e ri-me!...

*(Tirando um papel do bolso do casaco)*Mas espera... um papel! Aqui... n'esta algibeira...
Será carta d'amor... ou rol da lavadeira?
São versos! Um soneto!... Boa indiscrição!
O poeta vae lêr a sua producção,
Com muito tento ao metro e attenção ás rimas...
E' furão o acaso!... Caça as obras-primas!

JOSÉ

Oh Pedro! Tu bem vês! E' só um esboceto...

PEDRO

(Dando-lhe o papel)

Modestia, meu amigo! Venha esse soneto!...

JOSÉ

(Lê, vexado, mas animando-se pouco a pouco)

Amar uma chimera, é tentador
Pois fazendo a sómente d'illusão,
Podemos-lhe idear um coração,
Que pulse só por nós, de puro amor!

Sem espinhos será — a rara flôr; —
Sem defeitos — mulher e perfeição; —
Eu amo uma chimera com paixão
E penso que me paga com fervor...

Mas se eu p'ra chorar, busco um regaço,
Derrama-se o meu pranto... pelo Espaço,
E pende-se-me a frente... no Vazio!...

Se interrogo a chimera... eil-a calada...
Se a abraço febril, encontro... o Nada...
E a minha bocca a arder, só beija... o Frio!

PEDRO

Muito bem! Levantada e nobre inspiração!
Mas pelo dedo ahí, conheço o solteirão!

ALECRIM

(Que tem entrado e ouvido os tercetos finaes, oscillando um pouco, desce com duas garrafas abraçadas, uma branca e a outra negra.)

Muito bem! Muito bem! Agora é qu'eu me rio!
... Aos abraços ao Nada e a beijar o Frio...
Eu abraço por cá, estas roliças ancas,
Beijando escuras perolas e outras brancas!...

(Faz menção de beijar as garrafas)

PEDRO

(A rir)

Eis quem tem afinal razão — o meu velhinho!

JOSÉ

(Aborrecido)

De doido é a razão!... Espirito... de vinho!

PEDRO

(Conciliador)

Mas ouve cá rapaz! Assim em fé sincera,
Tu julgas que é possível, essa tal chimera?...
Ao Nada ir-se adorar... beijar o vendaval?!

JOSÉ

Possível sempre é, amar um ideal!

PEDRO

Um ideal emfim de boa carne e osso,
Com a cabeça assente sobre o seu pescoço...
Que os braços não pareçam, só, correntes d'ar,
P'ra poderem também um dia, acalentar,
Com cuidado, com zelo, o optimo thesoiro
D'um ideal rosado com cabelo loiro!...

JOSÉ

(Afrouxando a defeza)

Tem ama esse ideal... e berros de trovão!

PEDRO

(Como em aparte)

Já venci o poeta!... Resta o comilão!

(Insinuamente)

A minha noiva, sabes?... Tem uma irmansinha,
Em doces já doutora e sabia na cosinha,
Tão forte no teu fraco — os bellos doces d'ovos —
Que nos mandou até, á prova, uns pratos novos,
Que tem entrelaçadas, letras de canela!...

JOSÉ

E tu a conspirares, oh vil, já contra ella !

PEDRO

(Heroicamente)

Um cavalleiro audaz, avança d'elmo erguido,
O peito a descoberto, aos dardos do Cupido!...
Tu tremes, oh poltrão?! São doces essas settas...

ALECRIM

(Fazendo o gesto significativo)

Pela bocca lá vão, os peixes e os poetas !

JOSÉ

(Abandonando a resistencia)

Oh Pedro, meu amigo ! Dá mais ideal
Ao mundo, p'ra afogar o torvo e grande mal...
Diz-me que não é vil, nem n'elle tudo agreste!...
Qu'algum inda haverá, que faça o que fizeste,
E salve os que naufragam, idos já sem norte,
Do vicio e da loucura e mesmo até da morte!...
E aqueça os apagados lares já de paixão,
Com o calor que sobra do seu coração!...
E queira ir comprar com a fortuna sua,
A dita que é dos outros, atirada á rua!...
Se dizes qu'inda ha mais Pedros Villa Chans,
Que tratem as mulheres alheias como irmãs!...
S'affirmas que na terra, pode haver um ceu,
Já não serei poltrão em face do hymeneu!...
... Um cavalleiro audaz, heroico ao cortejar,
Prudente elle será, quando se for casar...
P'ra não lhe acontecer n'algum dia infeliz,
O que poupamos hoje, ao tolo do Luiz!...

PEDRO

Pessimista, afinal, sombrio é o que tu és;
Creio que inda haverá no mundo alguns Josés,
Bem mais do que julgamos, mais, eu te repito,
Já não direi Josés, como esse tal do Egypto,
Que na mulher honrou o homem Putifar,
Mas como tu, Josés, que sabem respeitar,
Sem do outro seguirem a sua violencia,
Uma alheia mulher, na propria consciencia...
E isto basta já... p'ra gente se ir casar !

ALECRIM

(Que tem andado a retirar da mesa da casa de jantar, um dos talheres, descendo á scena e enzolando aos dois para o fundo com um guardanapo.)

Enquanto são solteiros... bom... é ir jantar!
Falta a perola negra... assim serão mais francas,
As saudes finaes com a pinguinha rica...
...Não bebem a garrafa, estas perolas brancas...
Melhor! Mais vinho fica!

FIM



biblioteca
municipal
barcelos



2719

Az. duas perolas